

Renovar a Sé de Lisboa porque há muitas “lições nas pedras que sobram”

Igreja, Estado e Bruxelas vão custear um projecto orçado em cinco milhões, que só deverá arrancar dentro de ano e meio e que inclui um museu e uma porta nova

Património Lucinda Canelas

Cá fora, filas de turistas em trânsito e um engarrafamento com táxis e *tuk tuks*. Lá dentro, guias com bandeiras da Polónia conduzem dezenas de visitantes apontando para pinturas e castiçais, capelas e túmulos. Ouve-se falar em várias línguas e o ambiente assemelha-se ao de uma estação de comboios. Recolhimento é coisa que ali parece completamente impossível. É por isso que, quando se percorre a Sé de Lisboa numa tarde de Verão, mesmo num dia de semana, é difícil imaginá-la como uma igreja aberta ao culto, onde ainda se celebram baptizados e casamentos e há festa no Natal e na Páscoa. Como será quando as ruínas arqueológicas tiverem o seu centro de interpretação a chamar mais gente? Estará o patriarca de Lisboa disposto a trocar uma igreja por um museu?

D. Manuel Clemente garante que não será preciso chegar a tanto e que, apesar da pressão turística, a sé continua a ter uma comunidade dinâmica que acompanha o calendário litúrgico. Restaurar os claustros, musealizar as ruínas e criar um arquivo para a Igreja de Santa Maria Maior (o outro nome da sé), tudo previsto no projecto de revitalização deste monumento nacional apresentado anteontem, não trará novos problemas – pelo contrário, resolverá alguns. Nomeadamente os que dizem respeito à limpeza e conservação do edifício que começou a ser construído no século XII, que foi atingido por três sismos e incêndios e que, na sequência destas catástrofes, foi sendo reinventado.

Esta igreja, lembrou D. Manuel Clemente na cerimónia em que a primeira fase do projecto de recuperação foi dada a conhecer, na presença do secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, e de membros da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC) e do Cabido da Sé, guarda mais de 2500 anos de história – o território em que está implantada é ocupado desde a Idade do Ferro – e tem um enorme valor simbólico e identitário.

Para o cardeal patriarca, continua a ser um “espaço vital de memória” que importa proteger, em nome da cidade de Lisboa. “Sou bispo desta diocese e, por isso também, este é o meu lugar”, sublinha, lembrando que o edifício, como provam as escavações arqueológicas, tem também grande actualidade: “Hoje somos um país de muitas proveniências. A sé mostra-nos que sempre o fomos.”

O plano estratégico de recuperação da Sé de Lisboa está previsto e deverá dar “novo fôlego ao projecto da Rota das Catedrais”, disse aos jornalistas João Carlos Santos, subdirector-geral da DGPC, organismo que coordena a intervenção orçada em cinco milhões de euros, um projecto do arquitecto Adalberto Dias. De acordo com Barreto Xavier, dois milhões serão assegurados por fundos europeus e os restantes três virão dos cofres do Estado e da Igreja, em parcelas ainda a negociar.

Também não se sabe ainda quando arrancarão as obras, que têm uma duração prevista de 18 meses. Defende o secretário de Estado que a captação de verbas de Bruxelas e o valor da obra, que exige o lançamento de morosos concursos internacionais, explicam que os trabalhos só possam começar dentro de “um ano, ano e meio”.

A arquitectura

O projecto de Adalberto Dias vai devolver ao claustro inferior o seu pátio, levantado para que os arqueólogos pudessem pôr a descoberto os vários níveis de ocupação daquele pequeno território em que Santa Maria Maior foi construída, muito provavelmente sobre uma mesquita. Também vai permitir instalar o arquivo da sé. A ligação entre os dois claustros será assegurada por escada e elevador e, para facilitar o acesso ao museu, vai ser aberta uma porta para a Rua Cruzes da Sé.

A intervenção mais relevante, diz o arquitecto, é a do claustro inferior, muito afectado pelo incêndio do terramoto de 1755, que deixou a sé parcialmente destruída, depois de a torre sul ter desabado sobre a nave principal e o altar-mor.



D. Manuel Clemente acredita que se está hoje em condições de avançar na valorização daquele que define como “um espaço cheio de lições nas pedras que sobram.”

Em Sines, a guitarra a quem a trabalha (e a transforma)

Músicas do Mundo
Gonçalo Frota

Paolo Angeli assinou em Sines um belíssimo concerto manobrando uma guitarra que não é apenas uma guitarra

Há quatro anos, o italiano Paolo Angeli teve a sua última crise profunda com a guitarra. Depois de ter começado a transformar o instrumento por não se satisfazer com a guitarra tradicional, tornando-a num objecto híbrido, cruzado com violoncelo, ligada por cabos de bicicleta a pequenos “martelos” semelhantes aos dos pianos (que, accionados pelos pés, produzem uma gama limitada mas inesperada de sons graves), depois de um enorme investimento a aperfeiçoar e personalizar o instrumento e a desenvolver uma linguagem única, aconteceu assistir a um concerto de Paco de Lucia. E as suas certezas estatelaram-se no chão.

“Afinal, não precisava de ter modificado a guitarra”, concluiu. Foi estudar flamenco, até chegar a um novo momento de crise, ao perceber que era já demasiado tarde para enveredar a sério por essa via.

Voltou, portanto, à sua guitarra transformada. Felizmente – por muito que pudesse ter dado um ótimo intérprete de flamenco, há algo de mais desconcertante e hipnotizante nesta sua sonoridade única, demonstrada de forma lapidar na actuação no Centro de Artes de Sines, na noite de terça-feira, a última de programação reduzida do Festival Músicas do Mundo, antes de passar para o habitual palco do Castelo.

Manobrando a “guitarra” com diversas abordagens, as 18 cordas tão depressa soam à kora maliana como nos atiram para a música clássica chinesa, tanto nos fazem crer estarmos diante de um discípulo da folk inglesa de Martin Carthy, como de um membro do agrupamento de música antiga Hespèrion XXI, de Jordi Savall, e desembocam ainda, repentinamente, numa canção que poderia ser de Tom Waits ajudado por Marc Ribot – e só não pode mesmo ser de Waits porque Angeli canta como um marinheiro da Sardenha, largado no mar, num lamento que soa a coisa de homem atraído e traído pelo canto e pelo desamor de uma sereia.

Assistir a um concerto de Paolo

Angeli é ser colocado a toda a hora numa posição de desencontro entre aquilo que se vê e aquilo que se ouve, dada a sistemática transformação da guitarra enquanto a toca, não apenas nos estilos musicais que se entrecruzam, mas nas várias famílias musicais evocadas – alturas há em que a “guitarra” soa, sem exagero e entregue a uma função percussiva, ao que poderiam ser as Adufeiras de Monsanto, quando o músico aplica um cartão bancário nas cordas e altera, com um rápido movimento, a morfologia da guitarra. O extraordinário, no entanto, não é que um *Stabat Mater* possa suceder a um tema popular corso, mas sim que toda esta exibição de virtuosismo nunca deixe de ser belíssima e essencialmente musical.

Com o cancelamento da actua-

Assistir a um concerto de Paolo Angeli é ser colocado a toda a hora numa posição de desencontro entre aquilo que se vê e aquilo que se ouve, dada a sistemática transformação da guitarra enquanto a toca

ção do violoncelista holandês Ernst Reijseger, devido a questões familiares urgentes, a noite do Centro de Artes ficaria penas por conta de Angeli, prolongando-se depois no exterior com o colectivo Simply Rockers Sound System a encenar, segunda e terça, uma sessão de música jamaicana em frente à entrada do Castelo de Sines.

Com uns graves tão levados ao limite que ameaçavam suspender qualquer desprevenida rasta no ar, a ementa passou a ser dub e reggae à moda da Jamaica (incluindo desvios por sons menos óbvios, como uma morna de Maria Alice), com o *toaster* (MC) de serviço cantando e largando as máximas habituais de “good vibrations”, “put on your dancin’ shoes”, “if you love marijuana say yeah” num esforçado sotaque de Kingston que toldava muitas vezes o discurso – é possível que tenha mencionado o presidente do Parlamento Europeu Martin Schulz, mas também é bastante possível que não.

Muita da animação no Festival Músicas do Mundo destes dias tem passado precisamente pela rua, com actuações diárias da Orquestra do Desastre, num formato de improvisação com músicos amadores trabalhado pelo francês François R. Cambuzat (do grupo L’Enfance Rouge), e com concertos espontâneos de um duo de guitarra e bateria chegado ao jazz ou de um grupo de *swing manouche* espanholado – este último capaz de rivalizar em público com a festa jamaicana oficial –, tudo irrompendo livremente e a qualquer hora nas imediações do Castelo.

simplesmente ficar à espera que isto aconteça – vou lembrar muito.”

No centro do novo plano de revitalização vai estar a arqueologia. A avaliar pelos artefactos recuperados pelas escavações que desde 1995 contam com Alexandra Gaspar, Lisboa tem um passado cosmopolita, e isto muito antes de os Descobrimentos a terem transformado na capital de um império. “Recuperámos artefactos de importação, de uso doméstico em épocas distintas”, diz ao PÚBLICO Gaspar, explicando por que razão a sé é tão especial quando se fala de arqueologia em Lisboa: “Aqui conseguimos ver muito bem a sucessão de ocupações da cidade. E aqui temos também uma rua romana rara – há outra, mas não está musealizada – e o único edifício islâmico público de Lisboa.”

A arqueóloga refere-se à estrutura do século XI que faria parte de uma mesquita. “Não temos ainda certezas, mas, dado o tamanho, não há dúvidas de que seria um edifício para uso público.” Claramente identificados estão a rua e o sistema de saneamento romanos da primeira metade do século I – foi num dos esgotos, aliás, que se encontrou o chamado “tesouro”, composto por jóias e moedas islâmicas, muitas delas almorávidas (século XII, contemporâneas da conquista da cidade por D. Afonso Henriques), que será exposto no futuro museu –, a cisterna medieval do reinado de D. Dinis e até uma cozinha. “Por cima da cozinha romana há um pavimento islâmico e sobre ele as fundações dos claustros”, diz, dando exemplos das camadas que é preciso atravessar para contar a história da sé.

Alexandra Gaspar e Ana Gomes, a outra coordenadora científica dos trabalhos, voltarão a escavar quando começarem as obras agora anunciadas. Vão dedicar-se à zona sul onde o projecto de Adalberto Dias prevê a instalação do núcleo museológico. Gaspar garante que há ainda muito por revelar e não esconde que gostaria de localizar mais vestígios do edifício islâmico e de encontrar elementos que permitam identificá-lo como uma mesquita. “Também era bom que conseguíssemos achar uma rua romana ortogonal à que já temos, porque isso permitia estimar com maior rigor a dimensão dos quarteirões da cidade na época.”

A sé, não se cansa de sublinhar o cardeal patriarca, é uma caixa de memórias: “Estas coisas interessam-me muito. As memórias das pessoas, as dos lugares. E aqui há muitas das duas.”

“Vamos construir um piso a cobrir as ruínas arqueológicas”, explicou o arquitecto. “Será uma só laje sem apoios centrais para não interferir.” Quase no centro do pátio deverá surgir uma “fonte da vida”, um espelho de água de 2,5X2,5 metros, que faz referência aos jardins do Antigo Testamento: “Assim, o claustro da sé vai retomar as suas verdadeiras dimensões arquitectónicas, simbólicas e espirituais.”

A intervenção – sobretudo a valorização das ruínas, cujas escavações começaram em 1990 e terminaram em 2010, chegando a estar vários anos paradas – é uma ideia antiga e já passou por vários acordos de parceria entre instituições. Apesar do historial de recuos, D. Manuel Clemente acredita que se está hoje em condições de avançar na valorização daquele que define como “um espaço cheio de lições nas pedras que sobram”: “Gosto de acreditar activamente nas coisas e não vou



A guitarra de Angeli é um objecto híbrido, cruzado com violoncelo